

Brasileiros na Guiana Francesa: Fronteiras e Construções de Alteridades Brazilians in French Guiana: Frontiers and the Construction of Otherness

Rubens da Silva Ferreira*

Notadamente, os processos migratórios internacionais têm se intensificado nas últimas décadas como forma de superação das dificuldades enfrentadas pelas populações de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Nessa perspectiva, Ronaldo Arouck (1956-2001) optou pelo estudo dos deslocamentos de brasileiros para a Guiana Francesa como objeto de sua dissertação de mestrado apresentada ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/UFGPA. Tal interesse deu-se em função da escassez de trabalhos sobre essa realidade ainda recente no continente sul-americano. Mas, por um infortúnio, o autor de *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades* veio a falecer pouco antes da defesa de sua pesquisa, o que levou o NAEA a publicá-la na forma de livro, como uma homenagem póstuma a esse turismólogo que desenvolveu profundo interesse pelos estudos antropológicos.

Diferente das abordagens feitas no âmbito das Ciências Sociais aos fenômenos migratórios, Arouck traçou seu percurso de análise pelo viés das relações interétnicas que se estabelecem entre os diferentes grupos humanos que coexistem em solo guianês-francês. Assim, a teoria formalista da etnicidade, atribuída a Fredrik Barth, é recorrida como um referencial capaz de dar conta das tensões e das fronteiras étnicas que emergem em uma sociedade formada por povos de origens diversas. O contato

com essa diversidade humana levou o pesquisador a trabalhar com uma visão dinâmica de *eticidade*, não sendo tal conceito uma entidade monolítica que está a representar unicamente os caracteres biológicos e culturais inerentes a um dado grupo étnico.

Como Arouck constatou ao exercitar, empiricamente, o conceito de *eticidade* na sociedade guianesa-francesa, trata-se de uma construção teórica que precisa ser adaptada às particularidades do objeto investigado, a fim de situar o pesquisador em meio a um campo semântico que se expressa de formas diversas no real concreto. Partindo dessa perspectiva dinâmica de *eticidade*, o autor procura reconstituir a formação social dessa Guiana, que se tornou uma possessão francesa com a expansão comercial do século XVII, recebendo, desse modo, levas compulsórias de grupos étnicos africanos que, pela mestiçagem com o europeu, vieram a dar origem ao segmento *creóle* da população guianesa-francesa. Séculos mais tarde, mais precisamente na primeira metade de 1800, chegaram os chineses e os grupos humanos provenientes da Índia, denominados *industões*.

Dada à dificuldade de colonização da Guiana, em 1946, *bushinenges* e haitianos refugiaram-se para lá, acolhidos pelo Estado francês, em consequência dos problemas políticos enfrentados em seus países de origem, quando da instauração dos regimes autoritários na América Latina e no Caribe. A

* UFGPA - Universidade Federal do Pará. Bacharel em Biblioteconomia - (1995-2000). M.Sc. em Planejamento do Desenvolvimento - NAEA/UFGPA (2001-2003). Especialista em Biblioteca Universitária - CSE/UFGPA - (2005). Chefe da Biblioteca "Prof. Armando Bordallo da Silva" - (UFGPA/Bragança). Fone: (91) 3259-9250 / 3452-1593. R. Dr. Américo Santa Rosa, 318. Canudos. Belém. Pará. CEP: 66.070-130 (rubnespa@yahoo.com)

imigração de brasileiros, por sua vez, é um fenômeno mais recente, porém, não menos importante no estudo populacional desse espaço “multiétnico”. Quanto às possibilidades de trabalho, Arouck revela que esses grupos distintos têm sido absorvidos, predominantemente, pelo setor de serviços, o qual atende aos técnicos europeus residentes na Guiana Francesa, empregados no Centro Espacial de Kourou. Tamanha é a importância desse empreendimento científico-militar, que só ele responde por 80% do PIB guianês-francês.

Quando da construção do Centro Espacial, em 1964, o próprio governo francês encarregou-se de atrair mão-de-obra colombiana e brasileira para trabalhar na construção civil. Com a oferta de um salário mínimo seis vezes superior àquele pago no Brasil, macapaenses e paraenses migraram para a Guiana em busca de melhores oportunidades salariais. Arouck, no entanto, verifica que tal atrativo acabou por gerar um efeito inesperado: um fluxo clandestino de imigrantes que passaram a ser contratados pelos empreiteiros locais por salários cada vez menores. Mas, além desses imigrantes, que fazem a travessia da fronteira Brasil/Guiana Francesa para trabalhar na construção civil, há, ainda, os que são atraídos por parentes já fixados nesse departamento ultramarino francês.

Certamente, o desemprego, o recrudescimento da violência e as deficiências em serviços públicos básicos, como os de saúde e educação, estão motivando a saída desses trabalhadores do Brasil. O autor de *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades* ressalta, porém, que se de um lado as possibilidades de ganhos salariais são atrativas para esses imigrantes, de outro as condições de vida em solo estrangeiro não são nada fáceis, como muitos podem ser levados a crer. Mesmo o ingresso na Guiana apresenta níveis diversos de dificuldades, seja para a categoria a qual Arouck refere-se como *documentados* (imigrantes legais), ou para aqueles classificados como *indocumentados* (imigrantes ilegais). Para a primeira

categoria, a imigração torna-se problemática em função das exigências para a concessão de vistos de entrada, que nos últimos anos tem sido cada vez mais exigente por determinação do governo francês. Para a segunda categoria, o *cruzamento da fronteira* é uma experiência perigosa, sobretudo porque o acesso dá-se pelo rio Oiapoque.

Como descreve Arouck, os imigrantes ilegais em território guianês-francês atravessam a fronteira em pequenas embarcações típicas da Amazônia, que chegam a transportar até 20 passageiros. Os *atravessadores* cobram de cada passageiro o valor de R\$ 600,00 para uma viagem cujo destino é incerto. Não só o risco de naufrágio – que Arouck diz ser comum – como também a possibilidade de abordagem pela Guarda Costeira guinesa-francesa são fatores que podem impedir o sonho de melhores ganhos salariais no *estrangeiro*. Os que conseguem entrar na Guiana, enfrentam, ainda, uma vida de intensa labuta e preconceitos. Nesse último caso, os brasileiros experimentam processos discriminatórios não só no contato com o grupo étnico dominante *creóle*, mas entre outros brasileiros. No trabalho de campo, o turismólogo evidenciou que os imigrantes brasileiros *bem-sucedidos* tendem a evitar contato com os *menos bem-sucedidos*. E para estes que não conseguem reunir uma economia significativa trabalhando na Guiana, o retorno ao país de origem é quase certo.

Embora os brasileiros *bem-sucedidos* consigam fixar-se com uma relativa segurança financeira na Guiana-Francesa, a pesquisa de Arouck evidencia que eles não são de todo integrados à sociedade local. Esse quadro é demonstrado não somente pela exclusão do processo político, como também pelas uniões amorosas. No que concerne à esta última, as mulheres guianesas-francesas tendem a evitar relacionamentos sexo-afetivos com homens brasileiros; por outro lado, os casamentos entre guianeses-franceses e brasileiras são mais comuns.

Por meio da análise dos embates étnicos no campo político, Arouck explicita a reação da sociedade

guianesa-francesa diante da entrada de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho local. As lideranças políticas da Guiana são, predominantemente, de etnia *créole* e os parlamentares, de um modo geral, não vêem com otimismo o ingresso de estrangeiros na vida econômica, social, cultural e política desse departamento francês. Só os brasileiros legalmente residentes em Caiena são estimados em 10.000 indivíduos; os clandestinos, de acordo com Arouck, giram em torno de 30.000. Para a França, esse incremento populacional tem representado um aumento substantivo nos custos sociais com saúde e educação. Na visão de políticos guianeses-franceses, os impactos desse fluxo migratório podem afetar a economia local, à medida que os imigrantes desviam seus rendimentos para pequenos negócios familiares em seus países de origem, ao invés de (re)investi-los na Guiana Francesa. Certamente este é um dentre tantos outros fatores que alimentam os processos discriminatórios contra os grupos humanos estrangeiros que têm se dirigido para a Guiana, em particular contra os brasileiros.

Diante do quadro apresentado em *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades*, Ronaldo Arouck vai além da mera exposição descritiva daqueles que deixaram o Brasil – em definitivo ou temporariamente – com o objetivo de alcançar um padrão de vida mais elevado do que aquele com que viviam em seu país de origem. Através de dados levantados em campo desde 1992, ele problematiza os sentimentos de insegurança de uma população que tem assistido àquilo que consideram ser uma “invasão” ao seu território, bem como daqueles que buscam por melhores oportunidades num espaço em que os modos de ser e de viver são diferentes da cultura de origem. Em face disso, as relações de *alteridade* entre guianeses-franceses, surinameses, chineses,

industões e brasileiros acabam por revelar a complexidade da coexistência entre grupos que diferem *uns* dos *outros* ou mesmo em contextos intra-grupais, como é o caso dos brasileiros *bem-sucedidos* e *menos bem-sucedidos* que buscam diferenciar-se socialmente entre si.

Em suma, o fenômeno étnico produzido pelos diferentes segmentos sociais na Guiana Francesa é trazido aos estudantes, professores e pesquisadores das Ciências Sociais sob um olhar antropológico em que o rigor acadêmico não constitui uma barreira de leitura para o público mais amplo. A fluidez do discurso etnográfico, ao longo dos seis capítulos de *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades*, oferece aos não iniciados no campo semântico do *fazer científico* um panorama geral do cotidiano daqueles que migraram para um território na América do Sul que permanece sob jurisdição política e administrativa de uma nação européia. Decerto, o mérito do trabalho de Ronaldo Arouck reside no conhecimento produzido sobre um processo migratório entre países amazônicos até então minimamente investigado pela academia. Por conseguinte, tal estudo enfoca uma realidade em conformação quanto ao destino da população brasileira migrante, a qual tem procurado outras rotas além daquelas já banalizadas para a América do Norte e para a Europa, oferecendo, desse modo, um campo de possibilidades de pesquisas para sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e outras categorias interessadas pelos estudos migracionais na Amazônia.

REFERÊNCIAS

AROUCK, Ronaldo de Camargo. *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades*. Belém: NAEA/UFPA, 2003. 223p. il.

Recebido: 22/01/2004
Aprovado: 07/04/2004

